

Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro 2003  
Tema 3 : A experiência psicanalítica e a cultura contemporânea

## Figuras da verdade : a contingência e o impossível

Gilson Iannini<sup>1</sup>

### Resumo:

Lacan percebeu com especial agudeza que a natureza peculiar do objeto da psicanálise, marcado por uma singular imbricação entre verdade e contingência – e pela impossibilidade do sexual inscrever-se qua sexual - exigiria uma teoria que não camuflasse a contradição inscrita no coração mesmo daquele objeto. A vocação científica da psicanálise teria que confrontar-se aos limites do discurso da Ciência. Limites que se impõem na medida em que a psicanálise lida com o que insiste em não se inscrever, que Lacan chamou de impossível. Estes limites desenham-se na prática de um estilo. Trata-se, pois, de fazer funcionar o dispositivo de literalização sob um duplo regime: a literalização do real sob o regime da ciência e a um outro modo de literalização que a prática de um estilo faz funcionar. Dois regimes da verdade se impõem: a verdade como contingência e a verdade como impossível.

**Palavras-chave** : verdade, contingência, impossível, ciência, estilo

A postulação freudiana de que há pensamento inconsciente – melhor: de que o pensamento é primariamente regido por leis que escapam à vontade consciente do eu – é o ponto nevrálgico daquilo que Lacan chamou de subversão do sujeito. Que rosto deve ter uma teoria cuja temática gira em torno destas duas descobertas fundamentais: (i) que a vida pulsional da sexualidade não se pode domar plenamente e (ii) que os processos anímicos são em si mesmos inconscientes?<sup>2</sup> Em outras palavras: se a consciência não é mais a instância que comanda o curso dos pensamentos; se, como diz Freud, "a consciência é apenas uma qualidade inconstante"<sup>3</sup>; se, finalmente, o pensamento "disarmônico em relação à alma"<sup>4</sup>, o que

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto. ([ianninigilson@aol.com](mailto:ianninigilson@aol.com))

<sup>2</sup> Nas palavras de Freud, as duas descobertas fundamentais da psicanálise são, a saber, "(...) que la vie pulsionnelle de la sexualité en nous ne se laisse pas pleinement dompter et que les processus animiques sont en soi inconscients" (FREUD, S., "Une difficulté de la psychanalyse", p. 51).

<sup>3</sup> FREUD, S., *L'abrégé de la psychanalyse*, p. 20.

significa pensar? Com efeito, a psicanálise representa um sismo nas pretensões da racionalidade moderna. Qual o *regime de verdade* apropriado a esta disciplina que descortina uma modalidade do sujeito que não se caracteriza pela transparência dos atos de consciência ou pela autodeterminação da vontade? Como pensar o *estatuto da verdade* em uma disciplina cujo objeto define-se pela sua resistência à apreensão conceitual clássica? Finalmente, uma vez que a própria possibilidade de uma metalinguagem é problematizada, que *modalidades discursivas* podem melhor apreender a especificidade deste estranho objeto teórico que "quase só se manifesta por suas falhas"<sup>5</sup>?

Lacan percebeu com especial agudeza que a natureza peculiar do objeto da psicanálise, marcado por uma singular imbricação entre verdade e contingência, exigiria uma teoria que não camuflasse a contradição inscrita no coração mesmo daquele objeto. A vocação científica da psicanálise teria que confrontar-se aos limites do discurso da Ciência. Limites que se impõem na medida em que a psicanálise lida com o que insiste a não se inscrever, que Lacan chamou de *impossível*. Dois regimes da verdade se impõem: a verdade como contingência e a verdade como impossível.

A postulação de um pensamento marcado pela experiência do inconsciente e da pulsão estabelece um estatuto paradoxal quanto à sua inserção na racionalidade moderna, na exata medida em que se afirma, a um tempo, como condicionado pelo discurso da ciência e como lugar de exceção às pretensões totalizadoras deste. Com efeito, o estatuto da teoria lacaniana da verdade é duplo: sua escritura mostra os limites que as estratégias conceituais da ciência ensejam. Estes limites desenham-se na prática de um estilo. Trata-se, pois, de fazer funcionar o dispositivo de literalização

---

<sup>4</sup> Lacan: "la pensée est dysharmonique quant à l'âme". LACAN, J. *Télévision*, p. 17.

<sup>5</sup> Escreve F. Regnault, "essa elucubração extravagante em torno de um ser que quase só é verificável por suas falhas, o *inconsciente*" (REGNAULT, F., *Em torno do vazio: a arte à luz da psicanálise*, p. 75).

sob um duplo regime: a literalização do real sob o regime da ciência e a um outro modo de literalização que a prática de um estilo faz funcionar.

Nossa hipótese liminar, que gostaríamos de discutir nos Estados Gerais, é que Lacan oferece uma alternativa profícua para o problema da verdade na contemporaneidade, que ultrapassa o interesse clínico. Em suma, Lacan aceita o desafio perspectivista, lançado por Nietzsche: ele recusa soluções metafísicas para o problema da verdade, como o Deus veraz cartesiano ou o Absoluto hegeliano; ao mesmo tempo, rejeita pensar a verdade sob a rubrica de uma revelação originária do Ser, nos quadros da Ontologia fundamental proposta por Heidegger. Por outro lado, recusa as soluções lógico-positivistas, de cunho correspondencialista ou verificacionista; assim como não parece autorizar as teorias semânticas da verdade advogadas pela tradição anglo-saxã<sup>6</sup>. A concepção lacaniana de linguagem, que concede à tese da inexistência da metalinguagem um lugar privilegiado, interdita, ao mesmo tempo, soluções metafísicas, hermenêuticas e lógico-semânticas. Dizer que não existe metalinguagem "ou, mais aforisticamente, que não há Outro do Outro" [E:827] é vetar a possibilidade de um discurso primeiro \_ seja a metafísica, a poesia, a lógica ou a ciência \_ que legitime os discursos particulares. Nem metadiscursos, nem instâncias extra-discursivas servirão como fiadores da verdade.

Entretanto, para Lacan, a aceitação do desafio perspectivista não precisa desembocar no relativismo de cunho pós-moderno, seja em sua vertente pós-estruturalista, seja em sua vertente pragmatista<sup>7</sup>. A aposta na imanência, na singularidade e na dignidade ontológica da contingência, bem como a aceitação de

---

<sup>6</sup> Susan Haack faz um inventário das diversas correntes acerca do problema da verdade na tradição anglo-saxã. Cf. HAACK, S. *Filosofia das lógicas*. SP: Unesp, 2002. Maior interesse filosófico tem, no entanto, o livro de Davidson, que aponta um certo esgotamento do problema da verdade naquela tradição. Cf. DAVIDSON. *Ensaio sobre a verdade*. SP: Unimarco, 2002.

<sup>7</sup> Para Slavoj Žižek, as duas rupturas fundamentais da história da filosofia se deram com Platão e com Kant, em resposta às ameaças relativistas que cada um diagnosticou em seu tempo. A ruptura de Lacan no século XX seria análoga àquelas efetuadas por Platão e Kant. "Car si Platon accepte des sophistes leur logique de l'argumentation discursive, il s'en sert pour affirmer son engagement pour la Vérité; et si Kant accepte la rupture de la métaphysique traditionnelle, il s'en sert pour négocier son virage transcendantal; de même, si Lacan admet le thème "déconstructionniste" de la contingence radicale, il le retourne contre lui, s'en servant pour affirmer son engagement pour la Vérité en tant que contingente." (ŽIŽEK, S. *Subversions du sujet: psychanalyse, philosophie, politique*, p. 16). Badiou também interpreta a teoria lacaniana da verdade como fundamentalmente anti-sofista. (cf. Lacan e Platão. In SAFATLE (org.), *O limite tenso* p. 16-17). Cassin interpreta em sentido oposto, elogiando Lacan por sua sofística. Cf. CASSIN, *Ensaio sofísticos*, p. 304-305.

que o problema da verdade nasce co-extensivamente ao problema da linguagem, não implicam no abandono do problema da verdade e exigem, ao contrário, a tarefa de construção de uma abordagem extra-moral do problema. No pensamento de Lacan, a primazia da linguagem convive com a tese de sua incompletude. Há real, ainda que dessubstancializado, ainda opaco ao simbólico. Há um real que limita as pretensamente ilimitadas narrativas pós-modernas. Neste sentido, a posição de Lacan no século é *sui generis*<sup>8</sup>. O trabalho que ora apresentamos faz parte de um projeto mais amplo que pretende investigar os contornos da empreitada lacaniana diante do complexo quadro que os debates contemporâneos acerca da natureza, do estatuto e do regime da verdade desenham.

No contexto da subversão do sujeito e da dialética do desejo, Lacan elabora uma espécie de *estilística do objeto*. Esta teoria postula que não há representação possível, no campo da linguagem, para o objeto de desejo do sujeito, tomado em sua radical *contingência e singularidade*, ao mesmo tempo em que afirma que a representação do sexual *qua* sexual é da ordem do impossível, não apenas porque o simbólico não recobriria a totalidade do real, mas também porque a linguagem não é pensada a partir do paradigma da representação. O estilo, nesta vertente, será o modo pelo qual o sujeito pode criar algo em torno do vazio de referência inerente ao desejo.

Trata-se de mostrar que a *reabilitação do elemento estético no discurso teórico*<sup>9</sup> responde a uma exigência própria não apenas à especificidade do objeto teórico da psicanálise, mas a todo pensamento que queira romper com o paradigma clássico da representação e com a metafísica da subjetividade que corresponde a ele, sem, no entanto, sucumbir às diversas formas de recusa da verdade que dão a tonalidade

---

<sup>8</sup> Badiou aponta a solidão de Lacan no século no que diz respeito às teorias do sujeito e da verdade. Cf. BADIOU, A. *Onde estamos com a questão do sujeito?*. Cf., principalmente, pp. 27 e ss.

relativista de certas vertentes do pensamento contemporâneo, do neo-pragmatismo ao desconstrutivismo. A especificidade lacaniana do encaminhamento da questão reside no modo singular com o qual ele amarra verdade e contingência na figura de um estilo marcado, sobretudo, pela aposta na materialidade da linguagem e pela experiência de sua incompletude. Aqui o estilo seria o esforço de literalizar o que se precipita como limite da literalização do real pela ciência.

Na *Abertura* de seus *Écrits*, Lacan repete o bordão de Buffon: "o estilo é o próprio homem" [E: 9]. Poucas linhas à frente, o clássico adágio estará inteiramente subvertido, não por força de uma argumentação sólida e direta, mas por obra de movimentos textuais de natureza eminentemente híbrida: há argumentos de tipos diversos, ironias, alusões, cortes, saltos, *excursus*, etc.

Primeiro movimento: inversão do adágio. Ao se perguntar, retoricamente, "o estilo é o homem(...): o homem a quem nos endereçamos?", Lacan mostra que o homem a quem se refere Buffon não é mais do que a fantasia do "grand homme" que move todo seu discurso, endereçado, com efeito, "aos mestres da arte, (...) homens eminentes que representam aqui o esplendor literário da França"<sup>10</sup>. Uma premissa escondida autoriza a inversão: o inconsciente é o discurso do Outro. O primeiro passo está dado: o estilo é o homem a quem nos endereçamos. Parece, até aqui, que estamos mais no registro da retórica do que propriamente da estética.

Segundo movimento: esvaziamento da idéia de homem. A própria idéia de Homem será duramente criticada em favor da concepção de um sujeito vazio, sem qualidades, sem consciência de si. Sujeito dividido entre saber e verdade, eclipsado pelo objeto de seu desejo. Retomando então a questão do estilo,

---

<sup>9</sup> Ver a este respeito DUARTE, R. *Adornos*, pp. 61-63 e pp. 175 ss.

<sup>10</sup> BUFFON, T. H. *Discours sur le style*. Discours prononcé a L'Académie française par M. de Buffon le jour de sa réception, le 25 août 1753.

“é o objeto que responde à pergunta sobre o estilo (...). A esse lugar que marcava o homem para Buffon, chamamos de queda desse objeto, reveladora disso que ela isola-o, a um tempo, como causa do desejo em que o sujeito se eclipsa, e como sustentação do sujeito entre saber e verdade” [E:10].

O estilo não é o homem. O que é então? Não há uma resposta positiva para a questão. Há a indicação de que, se quisermos saber mais sobre o estilo, não devemos seguir a trilha humanista e naturalista de Buffon, mas, ao contrário, tentar descobrir a função do objeto na constituição do sujeito. Nenhuma indicação a mais. E conclui a abertura dos *Escritos*:

“queremos, do percurso de que estes escritos são as balizas e do estilo que seu endereçamento pede, levar o leitor a uma consequência em que ele precise colocar algo de si” [E: 10].

Em oposição às formas tradicionais do discurso teórico, seja a forma expositiva que privilegia o caráter argumentativo do texto, seja a forma sistemática-dedutiva que privilegia o fechamento e o controle da recepção do sentido, Lacan adota um estilo bastante peculiar. Algumas características destacam-se: (1) o caráter não-sistemático da apresentação, solidário da noção de incompletude que lhe é cara, tanto do ponto de vista teórico, quanto do ponto de vista textual; (2) a forma indireta da argumentação, muitas vezes apenas alusiva, que esconde seus pressupostos, que exige um esforço de decifração por parte do leitor; (3) a convicção de que tudo isso faz parte de um estilo; e (4) que este estilo requer, portanto, um "novo leitor", um leitor que seja levado a colocar "algo de si". Como o leitor de Breton ou de Joyce; ou como quem escuta a música de Boulez ou Stockhausen<sup>11</sup>, *and so on*. Em suma, o estilo de Lacan é sincrônico à estética contemporânea<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> “Lacan freqüentava o que havia de melhor para escutar música contemporânea nos anos 50-60.” Regnault, conférences d'esthétique lacanienne, p. 23.

<sup>12</sup> Embora seu vocabulário e a sintaxe de sua formalização nos remeta preferencialmente aos modernos. Uma certa tensão parece insinuar-se, pois, no interior mesmo desta obra.

Lacan reclama um leitor disposto a se deixar modificar pelo texto. Nossa hipótese é que seu estilo, notadamente no que concerne ao trabalho com a materialidade da linguagem, com a literalidade do texto - uso de homofonias e anfibolias, jogo com a equivocidade da linguagem, polifonia do texto, incompletude, metáfora, chiste, uso de figuras retóricas na construção de conceitos, etc - pretende permitir que o leitor experiencie alguns dos efeitos do inconsciente e da pulsão. Efeitos de verdade, ocasionados pela aposta na materialidade mesma da letra e do significante, características tanto do discurso teórico da psicanálise, quanto do discurso inconsciente.

Não se trata de "salvar" Lacan das acusações de obscuridade e de preciosismo lingüístico. Há, certamente, em seu estilo algo de idiossincrático e que dificilmente responde às exigências teóricas a que aludimos acima.<sup>13</sup> Nossa intenção é de tentar isolar aqueles traços estilísticos que nos parecem revelar uma solidariedade forte com a especificidade do objeto teórico da psicanálise. Isolar as estratégias que permitem ultrapassar a rigidez dos conceitos (que tem na univocidade de sentido seu ideal de rigor) pelo próprio uso dos recursos da linguagem, muitas vezes semelhantes aos recursos de que se vale a poesia (onde, ao contrário, a expressão rigorosa não implica univocidade). Não se trata, em Lacan, apenas de um discurso sobre a linguagem, sobre a divisão do sujeito, sobre a incompletude da verdade ou sobre o estilo. Trata-se, ao mesmo tempo, de uma prática daquela linguagem, de um discurso que carrega a marca desta divisão, de uma voz que se empresta à verdade, de um estilo que se redobra sobre si.

Qual o estatuto de uma teoria que se apresenta desta forma? Algumas características lembram-nos os aforismos de Nietzsche, outras a aposta adorniana

---

<sup>13</sup> Baños Orellana comparou as primeiras versões publicadas (originalmente em revistas, anais, e similares) com as versões revisadas pelo autor para a confecção da coletânea de 1966. Sua conclusão foi surpreendente: na maioria dos mais de 500 parágrafos corrigidos por Lacan, a tônica do Lacan-revisor foi a busca de clareza e simplicidade. Mesmo que a hipótese de um proposital obscurantismo seja largamente refutada através desta análise pormenorizada das revisões que Lacan impôs a seu próprio texto, isso não ameniza as dificuldades de leitura que o texto lacaniano impõe. Cf. ORELLANA, B. *L'écriture de Lacan*.

na forma-ensaio, outras ainda a convicção heideggeriana de que o ser só se revelaria em toda sua potência na linguagem poética. Mas Lacan não se valeu de aforismos, pelo menos em seu sentido mais genuíno; tampouco a forma ensaio esgota as características de seu estilo; menos ainda a psicanálise compartilha de alguma nostalgia do ser. Além disso, a cena se complica na medida em que - ao que pesem as dessemelhanças entre Nietzsche, Adorno e Heidegger-, Lacan não recusa a ciência como aqueles o fazem.

A ciência exclui o estilo: para conhecer a física newtoniana não é preciso ler Newton. O regime de verdade e de provas próprio à ciência permite que as descobertas da física newtoniana independam da maneira pela qual ela foi expressa em suas obras. Nas antípodas da ciência, temos a poesia. Ler um manual sobre Mallarmé não ensina nada, ou quase nada, sobre sua poesia.

Na ciência, temos a máxima separação entre forma e conteúdo, na poesia, a mínima. Em filosofia, como em psicanálise, o estilo não é inteiramente separável das 'teses' veiculadas, do mesmo modo que a retórica pode ser vista como método de pesquisa e prova. A filosofia e a psicanálise, mesmo que por razões diferentes, ocupam este lugar híbrido: é neste lugar que a importância da retórica, como teoria da argumentação, e da estilística, como estética da linguagem, ganha relevo. Assim, estilo e retórica são parte de um determinado saber que implica uma certa ética do bem-dizer. Os impasses da formalização são superados pela prática de uma ética da linguagem e da escrita.

“Emprestar minha voz para suportar estas palavras intoleráveis, 'Eu, a Verdade, falo...!', ultrapassa a alegoria. Isso quer dizer, muito simplesmente, tudo o que há para dizer da verdade, da única, a saber, que não há metalinguagem (afirmação feita para situar de vez o positivismo-lógico), que nenhuma linguagem poderá dizer o verdadeiro sobre o verdadeiro, pois a

verdade se funda disso que ela fala, e que ela não tem outro meio para fazê-lo”. [E: 867-868]

Pretendemos sugerir que o estilo de Lacan faz parte do saber que ele procura transmitir. Em outras palavras, o estilo não apenas “prepara as vias do saber”, mas é, pelo menos até certo ponto, inseparável deste. Reduzir o estilo a algo que estaria desconexo do objeto teórico que ele veicula ou considerar que a retórica não constitui mais do que simples estratégia de cooptação é adotar, ao mesmo tempo, certas atitudes diante da linguagem e da verdade. A linguagem, neste caso, seria um mero instrumento de comunicação estruturado em torno da função de representação. A verdade seria função da capacidade desta linguagem de representar o real (correspondencialismo clássico) ou de figurar um estado de coisas (Wittgenstein<sup>14</sup>). O pensamento seria, nos casos precedentes, independente da forma de sua apresentação, uma espécie de gramática profunda, que, depois, a linguagem que viria recobrir. Evidentemente, não é essa a teoria da verdade presente em Lacan; não é aquela sua teoria da linguagem.

Um corte maior afeta todos os discursos possíveis<sup>15</sup>. O corte da ciência moderna é um corte desta natureza: há um antes, um depois e há algo que, permanecendo imune, permite nomeá-lo. Este algo seria a língua no ponto em que esta toca a dimensão do real: *lalangue*.

A psicanálise é uma experiência que um sujeito faz da linguagem que se constitui no entorno do objeto perdido. Ela se constitui – *bis repetita* - no Universo infinito e contingente que a ciência moderna constitui. Mas este mesmo Universo é, para

<sup>14</sup> Grosseiramente: a figuração se enlaça com a realidade (§2.1511); o que a figuração tem em comum com o afigurado é sua forma lógica (§2.2); finalmente, por meio da proposição, a realidade diz apenas 'sim' ou 'não' (§4.023); isto é, se uma proposição é verdadeira, deve subsistir um estado de coisas existente como fato positivo: ele dirá 'sim' à proposição (2.06; 2.12; 2.21; 2.225); por isso, "a proposição pode ser verdadeira ou falsa só por ser uma figuração da realidade" (§4.06). O exemplo dado em 4.063 é elucidativo. Uma discussão técnica do ponto não cabe aqui.

<sup>15</sup> A temática do corte ("coupure") deriva da tradição da epistemologia francesa pós-bachelardiana, que acentuou o caráter de ruptura da ciência. Segundo Milner, não escapariam ao corte da ciência moderna "ni l'économie matérielle (hypothèse d'Althusser), ni les lettres (hypothèse de Barthes et hypothèse équivalente de Lacan), ni les philosophies politiques (L. Strauss ou C. Schmitt), ni les images (Panofsky), ni la philosophie spéculative (Heidegger)". MILNER, J-C. *L'Œuvre claire*, p. 82.

Lacan, “uma flor de retórica”<sup>16</sup>. No “Mais, ainda”, ele escreve “sobre o que não pode ser demonstrado, algo entretanto pode ser dito de verdadeiro”<sup>17</sup>. Em suas *Leçons et conversations sur l'esthétique, la psychologie et la croyance religieuse*<sup>18</sup>, Wittgenstein condenou a pretensão freudiana de cientificidade da psicanálise e caracterizou as “explicações” freudianas como interpretações estéticas. Freud não demonstraria as causas dos eventos psíquicos: prova disso seria a impossibilidade da psicanálise prever os fenômenos da vida mental. Segundo Wittgenstein, Freud *mostra* os motivos do sofrimento psíquico, do mesmo modo como um esteta pode *mostrar* porquê uma obra de arte é bela. Nem o esteta, nem o analista podem *explicar*, com base no princípio de causalidade ou em experimentos, a beleza de determinada obra ou o sintoma de determinado sujeito. As explicações científicas seriam independentes da dimensão do assentimento; as interpretações estéticas, ao contrário, exigiriam o assentimento do Outro.

Parece-nos que Lacan subscreveria parte do argumento wittgensteiniano: pensar a psicanálise nos quadros das *Naturwissenschaften* não é nem possível, nem desejável. Não por acaso, Lacan rejeita a “querela dos métodos” e desloca a questão das relações entre ciência e psicanálise para outro âmbito. Mas o ponto principal é outro: Wittgenstein não acusa a psicanálise de ser falsa, mas principalmente de pretender-se uma ciência natural. Malgré lui, Wittgenstein aponta para algo extremamente profícuo: embora algumas coisas não possam ser demonstradas, elas podem ser mostradas<sup>19</sup>. Freud sabia disso quando inscrevia seus mitos no coração da estrutura teórica da psicanálise. Lacan sabia disso quando praticou um estilo estreitamente conectado ao que ele considerava ser o tipo de experiência que o sujeito faz da linguagem e de sua incompletude: uma experiência do trágico. Uma

---

<sup>16</sup> LACAN, J., *O Seminário, livro XX: Mais, ainda*, p. 77.

<sup>17</sup> LACAN, J., *O Seminário, livro XX: Mais, ainda*, p. 162.

<sup>18</sup> WITTGENSTEIN, L. *Leçons et conversations sur l'esthétique, la psychologie et la croyance religieuse*.

experiência que mostra que a verdade, fronteira entre o contingente e o impossível, faz furo no saber. A verdade não depende do assentimento do Outro<sup>20</sup>.

A tese de que algo resta imune ao corte da ciência não decorre, pois, da temática heideggeriana da poeticidade essencial da natureza que o logos ocultaria; tampouco assemelha-se à idéia wittgensteiniana de que há um inexprimível místico (*Tractatus*, §6.522). Ao contrário, o que está em jogo é a experiência freudiana da Coisa como o fundamento da contingência radical que está na raiz da singularidade inalienável de cada sujeito<sup>21</sup>. A constante referência aos gregos, particularmente à ética trágica e ao tratamento aristotélico da contingência, prova que a referência ao sujeito da ciência e à ruptura moderna não é suficiente, aos olhos de Lacan, para dar conta do relevo que a experiência freudiana enseja. A ciência moderna capta o contingente pelo conceito; o contingente como contingente só pode ser objeto de uma poética.

Em um texto de 1956, Lacan, ao tratar da verdade, não faz um discurso sobre a verdade. Numa certa altura do texto, que não por acaso se intitula “A coisa Freudiana”, o autor abre aspas e dá voz a um personagem muito especial, a verdade: “Eu, a verdade, falo”. À pergunta ‘quem fala?’, o texto apresenta sua resposta: é a própria verdade<sup>22</sup>.

“E a prosopopéia continua ... enquanto [eu, a verdade] ‘vagabundeio pelo que considerais como o menos verdadeiro em essência: pelo sonho, pelo desafio ao sentido da piadinha mais gongórica e pelo nonsense do mais grotesco trocadilho, pelo acaso, e não por sua lei, mas por sua contingência’... “[E: 411]

<sup>19</sup> Não nos parece que o termo “mostrar” apareça aqui no sentido do *Tractatus* (p. ex. § 4.121 ou, de modo mais contundente, §4.1212). Nas *Leçons*, parece-nos que o uso é menos técnico, não estando ligado necessariamente à concepção tractatiana da forma lógica da proposição.

<sup>20</sup> LACAN, *Écrits*, p. 862.

<sup>21</sup> A coisa (das Ding) “será sempre representada por um vazio, precisamente pelo fato de ela não poder ser representada por outra coisa – ou, mais exatamente, de ela não poder ser representada senão por outra coisa” (LACAN, *A ética da psicanálise*, p. 162).

<sup>22</sup> Resposta muito próxima à de Mallarmé. Escreve Foucault: “A esta questão nietzschiana: quem fala? Mallarmé responde e não cessa de retomar sua resposta, dizendo que o que fala, em sua solidão, em sua vibração frágil, em seu nada, é a própria palavra – não o sentido da palavra, mas seu ser enigmático e precário”. (FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*, p. 322)

Gaia, a verdade vagabundeia no Universo da contingência. Mas ela tem a ver também com o impossível do discurso, com o real como impossível.

“Digo sempre a verdade: não toda, porque dizê-la toda... é impossível, materialmente: faltam as palavras. É por este impossível que a verdade tem a ver com o real” [AE: 509].

Estas duas balizas desenham o espaço da verdade tal que ela foi concebida e praticada por Jacques Lacan: entre a contingência e o impossível, entre (e para além) da ciência e do estilo.

## Bibliographie

- BUCI-GLUCKSMANN, C. Lacan devant Aristote, de l'esthétique. In: CASSIN, B. (dir.) *Nous grecs et leurs modernes*. Paris: Seuil, 1992. p. 363-382.
- BUFFON, T. H. *Discours sur le style*. Discours prononcé a L'Académie française par M. de Buffon le jour de sa réception, le 25 août 1753. Texte de l'édition de l'abbé J. Pierre. Librairie Ch. Poussielgue, Paris, 1896.
- FREUD, S., *Une difficulté de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1996. vol. XV. (Œuvres Complètes).
- . *Un souvenir d'enfance de "Poésie et vérité"*. Paris: PUF, 1996. vol. XV. (Œuvres Complètes).
- HEIDEGGER, M., 'Logos', *La psychanalyse*, 1, 1956. (trad. J. Lacan).
- IANNINI, G., Da ciência ao estilo, via sujeito: ensaio sobre psicanálise e modernidade. LUZIE & NEVES. *Linguagem e filosofia*. Rio de Janeiro: 7letras, 1999 p. 133-144.
- LACAN, J., *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.
- . *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.
- . *Le séminaire VII - L'éthique de la psychanalyse*, Paris: Seuil, 1986.
- . *Le séminaire XX - Encore*, Paris: Seuil, 1975.
- . "Psychanalyse et philosophie" (Séance du 25 janvier 1955 de la Société Française de Philosophie). *Rencontres psychanalytiques d'Aix-en-Provence*. Paris: Les Belles Lettres, 1985. pp. 223-227.
- . "Of structure as an inmixing of an otherness prerequisite to any subject whatever" (1966), in MACKSEY, R. *The structuralist controversy*. John Hopkins Press, 1970.
- LOPES, R. *Elementos de retórica na obra de Nietzsche*. BH: UFMG, 1999. (Dissertação de mestrado, filosofia).

- MACHEREY, P., (org.) *Lacan avec les philosophes*. Paris: Albin Michel, 1991.
- . "D'un autre Lacan", *Ornicar?* revue du Champ freudien, janvier 1984, n° 28, p. 49-57.
- MILNER, J-C., *Le périple structural: figures et paradigme*. Paris: Seuil, 2002.
- . *L'Œuvre claire: Lacan, la science, la philosophie*. Paris: Seuil, 1995.
- ORELLANA, B., *L'hermetisme de Lacan; Figures de sa Transmission*. Paris: EPEL, 1999
- . *L'ecritoire de Lacan*. Paris: EPEL, 2002
- REGNAULT, F. "Ex nihilo", *Quarto*, n. 41, Bruxelles, Agalma-Seuil, oct. 1990.
- (REGNAULT, F. "Ex nihilo" [Trad. Gilson Iannini] in: CARVALHO, B. (org.) *Lacan, a arte, a sociedade*. Belo Horizonte: EBP, 2001).
- . Conférences d'esthétique lacanienne. Paris: Agalma-Seuil, 1997.
- SOULEZ, A. "Distância entre o estilo ideográfico conceitual e a literatura". BRANCO & BRANDÃO (orgs). *A Força da letra*. BH:UFMG, 2000, p.13-31.
- WAJEMAN, G. "Stylus". *Analytica*, vol. 43, Louvain, 1986, p. 77-89
- WITTGENSTEIN, L. *Leçons et conversations sur l'esthétique, la psychologie et la croyance religieuse*, suivies de Conférence sur l'éthique [1966]. Paris: Gallimard, 1971.
- . *Tractatus logico-philosophicus*. SP: Edusp, 1994.
- ZIZEK, S. *Subversions du sujet: psychanalyse, philosophie, politique*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 1999.